

## A BALADA QUE INTERROGA A HISTÓRIA PORTUGUESA

Patricia PETERLE\*

PIRES, J. C. **Balada da Praia dos Cães**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

Uma Balada? Um romance policial?

*Balada da praia dos cães* traz no título a primeira pergunta e se apresenta ao leitor como um romance policial: é possível identificar um crime, um detetive e a tentativa de encontrar uma resposta e de desvendar um mistério. Porém, o livro de José Cardoso Pires transcende os elementos do policial e do suspense. É, na verdade, a reconstrução de um crime do passado, ocorrido na década de 1960, resgatado por ele 20 anos depois. Todavia, não é apenas o resgate de um crime, é um simulacro da sociedade portuguesa salazarista e das suas forças atuantes. Basta pensar no microcosmo da “Casa da Vereda”. É um romance que envolve e atrai o leitor na sua trama e o conduz a “solucionar” o crime, ao lado do detetive Elias Santana e de todos os depoimentos, e a descortinar aspectos do regime salazarista.

Não é a primeira vez que o autor português faz uso da estrutura do policial para explorar seus questionamentos em relação à sociedade portuguesa. *O Delfim* (1968), publicado antes da Revolução dos Cravos (1974), também, à primeira vista, aparece como um romance de tipo policial, mas é, sobretudo, uma obra sobre a escritura. É um marco na história literária portuguesa do século XX. Múltiplos planos que se mesclam na Gafeira, um espaço imaginário e ao mesmo tempo “real”. A Cardoso Pires interessa a História de Portugal, aliás, é essa a matéria prima para seus escritos que, uma vez traduzida e metamorfoseada para o plano da ficção, ganha contorno alegóricos a partir da construção narrativa que é tão peculiar nesse escritor português.

O discurso histórico e o discurso literário entrecruzam-se nas páginas cardosianas. *Balada da Praia dos cães* é um grande exemplo dessa interlocução, caracterizada por muitas vozes e fontes. O livro recupera o assassinato de José Joaquim Almeida Santos, ex-capitão do exército assinado. Como relatam os jornais portugueses da época, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, seu corpo foi encontrado no dia 31 de março de 1960, na Praia do Guincho. Por esse crime, foram condenados Maria José Maldonado Sequeira,

---

\* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão – Pós-Graduação em Literatura e Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 – patriciapeterle@gmail.com

a amante do ex-capitão, António Marques Gil, um cabo, e Jean Jacques Marques Valente, um oficial médico. Um crime que abalou a opinião pública. Para a composição de sua imbricada trama narrativa, Cardoso Pires faz uso de diferentes fontes: jornais de notícias, arquivos vários como os da Polícia Judiciária e os da PIDE... Ele, ainda, tem acesso a um documento “privilegiado”, como coloca Sonia Helena de O. Raymundo Piteri na apresentação da obra reeditada, que é o diário escrito pelo médico Jean Jacques Marques Valente, durante o período da prisão. Na reconstrução cardosiana, o ex-capitão assinado é Dantas C., a sua amante é Mena, o médico passa a ser o arquiteto Renato Manuel Fontenova e o cabo Bernardino Barroca. Uma transposição, realidade-ficção, caracterizada por muitas vezes e inúmeros planos que dão forma e traçam o complexo perfil desse livro, que ganhou o Grande Prêmio do Romance e da Novela, dado pela Associação dos Escritores Portugueses, em 1982 e consagrou Cardoso Pires como um dos maiores escritores portugueses.

A primeira página do romance traz as seguintes palavras iniciais (PIRES, 2008, p.4): “CADÁVER DE UM DESCONHECIDO encontrado na Praia do Mastro em 3-4-1960”. Depois são enumerados 15 pontos que descrevem o cadáver: “1. Indivíduo do sexo masculino, 1,72m de altura, bom estado de nutrição, idade provável cinquenta anos.....”. Depois de toda a descrição do corpo há uma do local:

[...] Removida a areia com os cuidados necessários, encontrou-se o corpo de um indivíduo do sexo masculino deitado na posição de decúbito lateral esquerdo em adiantado de decomposição. Calçava sapatos trocados, isto é, o pé direito no esquerdo e o do esquerdo no direito, e meias de lã em bom uso. O Cronômetro de pulso marca Tissot MM parado nas 05.27.41 horas. Não foram encontrados documentos, haveres ou quaisquer referências pessoais. Nas regiões a descoberto algumas peças do vestuário apresentavam-se rasgadas pelos cães..... um dos quais, cão de fora e jamais identificado, foi aquele que chamou a atenção dum pescador local e o levou à descoberta do cadáver [...] (PIRES, 2008, p.4-5).

De uma necrologia esquemática, pontual, assinalada graficamente na página com o itálico passa-se para a descrição de como foi encontrado o cadáver, ainda em itálico; depois de uma série de reticências, o itálico desaparece e entra sutilmente a voz do narrador, que daqui em diante conduz a polifônica narrativa.

A reconstrução do crime é assinalada, após essa primeira parte, com os dizeres: “A INVESTIGAÇÃO 7 de maio de 1960”. E na página seguinte já é introduzida a figura do detetive, Elias Santana. Os passos do inquérito são marcados e têm um espaço especial na página, aqui podem ser lembradas as seguintes pistas que conduzem e “fascinam” o leitor: “IDENTIFICADA A VÍTIMA”, “OS SUSPEITOS”, “O relato do pedreiro”, “Máscaras & figurinos”, “Tête-à-tête com um capachinho”,

“*Relatório*”. Fios de uma ficção que fala, trata e coloca em questão as relações e mecanismos de poder do Estado Novo de Salazar. Um estado que, como aponta Ricardo Piglia (2001, p.57), se apresenta como um grande construtor de *ficções*: “*En cierto sentido yo digo que hay una tensión entre la novela y el Estado, que en algunos momentos es muy visible y que, en otros casos, es necesario descifrarla [...]*”. Um caso reconstruído contra o esquecimento? É, assim, relendo o crime de 1960, que duas décadas depois, Cardoso Pires ainda se interroga sobre a história recente portuguesa. São várias, ao longo das páginas, as referências a todo um sistema de controle:

E as palavras não eram ditas explode um goong! E sai o noticiário das três da manhã declamado por uma voz engravatada, Lisboa, Emissora Nacional. Fala do Dia da PSP e das forças da Ordem em parada na presença de estados-maiores de cara dura em tribuna florida. Missa campal pelos agentes que tombaram no cumprimento do dever, paz ao casse-tête. Guardas a desfilar pela trela, cães-policiais medalhados. Discurso do ministro do Interior a arruaçar; fala da segurança das pessoas e bens e declara guerra eterna ‘aos agitadores que, a soldo do estrangeiro ou inspirados por idéias de libertinagem, pretendem por todos os meios corromper a Escola e o Trabalho, renegar a Moral e a Fé e pôr em causa a Autoridade’, fim de citação. (PIRES, 2008, p.25).

Como coloca Izabel Margato (2009), estudiosa brasileira do autor português:

Acredito que a obra de José Cardoso Pires possui uma articulação direta com a sociedade portuguesa do século 20. O seu projeto de criação literária está voltado, fundamentalmente, para as questões sociais e políticas do seu tempo e, mais precisamente, do seu país. Com isso não estamos negando o universo mais amplo a que sua obra remete; antes chamamos a atenção para o fato de Cardoso Pires ter nascido em 1925 e de ter, portanto, vivido os quase 50 anos de um regime ditatorial, violento e conservador. A sua obra nasce, conseqüentemente, de um profundo sentimento de responsabilidade cívica que se evidencia claramente na recusa e interpelação que faz às políticas do Estado Novo Português. Ao enfrentar as diferentes expressões da censura, Cardoso Pires promove com seu texto um contínuo movimento de barragem e de acareação às ficções estatais com que a ditadura salazarista se manteve por tanto tempo no poder.

*Balada da praia dos cães* é, sem dúvida, uma leitura atenta, arguta e crítica da sociedade no período de Salazar. Os olhos de Cardoso Pires, depois de 8 anos da revolução, em 1982, voltam ao passado, propõem uma releitura desse passado, interrogam Portugal e inquietam o leitor. Essa canção, *Balada*, é uma dança dentro da história recente desse país. A resolução do assassinato de Dantas C. não é, portanto, o foco principal, que está centralizado nas entranhas de um regime. É

nesse ponto que Cardoso Pires subverte o gênero policial tradicional, colocando o fulcro não mais na solução do crime.

No texto “Literatura e Revolução dos Cravos”, Cardoso Pires (1999, p.25) afirma:

E eis que subitamente (da noite para o dia, foi o caso) retomamos a voz pátria, essa que nos era natural e que desde os muito antepassados nos tinha sido negada. Retomámo-la em insurreição, em autêntica primavera popular [...] Liberdade, “a poesia estava na rua”, escreveu Sophia de Melo Breyner [...] A partir dessa data o escritor não mais o animal à margem ou o ornamento tolerado que uma Política dita do Espírito pretendia estrangular durante meio século [...] Escrita livre, escrita livre, não mais a palavra torturada nem o *ghetto* do pensar [...] Deixou de ser o carpinteiro cego de que falava Neruda e dispõe como nunca de olhos e mãos livres para ouvir e falar.

A primeira edição da *Balada no Brasil* é de 1983, um ano depois do lançamento em Portugal, editado pela Civilização Brasileira. *Balada da Praia dos cães* expressa esse sentimento de liberdade, num determinado momento pós 1974. Liberdade de falar, de criar, onde múltiplos planos, coros de vozes, registros oficiais e extra-oficiais dão corpo a essa trama aparentemente policial, mas que, surpreende pela identificação com o vivido. Nessa nova edição da Bertrand Brasil, o subtítulo não aparece “dissertação sobre um crime”. Dissertação, estudo, análise que Cardoso Pires propõe ao leitor.

## Referências

MARGATO, I. Para nos aproximarmos de Cardoso Pires, é preciso nos inventarmos outros, leitores novos. **Jornal do Brasil**, Livros & Idéias, 2009. Disponível em: <<http://www.jblog.com.br/ideias.php?itemid=11057>>. Acessado em 07 nov. 2010.

PIGLIA, R. **Crítica e ficção**. Barcelona: Anagrama, 2001.

PIRES, C. **Literatura e revolução dos cravos em *E Agora, José?*** Lisboa: D. Quixote, 1999.

